

O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES : DIVERSOS

ANNO I

Redacção
R. 15 de Novembro, 43

CURITYBA, 13 DE NOVEMBRO DE 1898

ASSIGNATURA
Mensual 1\$000
PARANÁ, 13 DE NOVEMBRO DE 1898

N.º 36



Segredo

A. D. Marianna Coelho

Silencio! Ennêh, envolta em alva coberta; cabellos esparcos, palpebras cerradas, escondendo preciosas esmeraldas, derme. Indiscretamente, penetrei no aposento virgem; meo coração transbordando de felicidade saltava, saltava de um modo desesperado a ponto de me fazer temer uma traição!... Approximei-me de manso, muito de manso, até a borda do perfumado leito possuidor d'aquelle corpo divino, do corpo de Ennêh!

Como era bella assim entregue ao descanso; imprimindo na alva colcha de fino tecido a sua forma delicadissima, digna do pincel de um finissimo pintor....

E, ella dormia. Sua respiração tranquilla espalhava pelo ambiente do silencioso retiro, um perfume embriagador de jasmim desabrochado com o sereno da noite.

Não quiz continuar a minha profanação, osculei aquelles labios de romã e parti conservando até hoje o meo segredo...

Dos «Aromas».

RAUL BRAZIL.



Lanternetaş...

«Ouvi, ó moços! Menestreis, ouvi! Eu vos conto a lendaria historia de Amaíl, a princeza dos cabellos d'ouro...»

E o velho mago esqualido calou-se n'um doloroso alquebramento de forças.

O mago continuando. — a sinistra, no vacuo, signos cabalísticos, descrevendo. — pupillas ignescentes cravadas no fulgido stellaris, evocativamente:

«Ouvi, ó moços! Eu conheci Amaíl — a Princeza Louca — porque outr'ora, com outros sabios da Chaldea sabia, com nigromantes da ignara Nubia, eu ia ao seu esplendido palacio de esmeralda e nacar, contar-lhe os segredos do Intangivel, sondar a verdade dos mysterios nos gregotins dos papyrus hieroglyphicos! Ella desceu do Azul n'uma noite de plenilunio envolta na refulgencia de um pallido raio de luar... Mas, pouco se demorou na terra... Trouxera de Lá o pollem das plantuorosas nostalgias na alma feita de scismas, e de repente, se foi, sandosa de sons, de luz, de harmonias e de sonhos...»

A voz do mago enfraquece n'um trémolo plangente de harpa passional, em susdina; depois vibrante:

«Amaíl! Amaíl! Princeza astral, Escolhida dos Eleitos, tudo podia... Antes de abandonar o Orbe quiz soffrer, pagar seu tributo de dor á terra, e indagou dos sabios a transmigração mais dolorosa e ao mesmo tempo mais exquise.

— A phthysica, Princeza. — respondemos nós, os magos senhores do Imprevisto. Nos fará

vêr, na sensibilidade extrema dos sentidos, paisagens cambiantes de extranhas perspectivas, Vos fará sonhar bizarramente como si houvesseis sorvido o haschieh do Oriente. «Quero morrer phthysica!» exclamou Amaíl.

E desde então, Ella tão sadia, risonha e doudivanas fez-se sorna, definhando, definhando a tossir cavernosamente... Depois as hemoptyzes chegaram... Em pouco tempo tornou-se diaphana e pallida, mais pallida que o raio de luar que a trouxera á terra.

Uma noite, enfim, Ella desapareceu do seu esplendido palacio de esmeralda e nacar...»

O velho mago calou-se, mas por entre as gengivas desdentadas trauteava:

«Ouvi, ó moços! Cantae ó Menestreis, a lendaria historia de Amaíl, a princeza dos cabellos d'ouro...»

MAX.

PEROLAS (7)

O Doudo

Enlouqueceu de dôr... Essa que amára, Casta, serena e perfida creança, N'um maldoso requinte de esquivança Como uma ave liberta se afastára...

Um mez correa e novo mez... A espraença De vê-la, pouco a pouco se apagára, Como se apaga sobre o mar a clara Espuma, quando o vagalhão desceança.

Não ha quem hoje a rapidez lhe dome, Vive gemendo as syllabas de um nome Na reclusão de um intimo scismar.

E quando um vulto feminino enxerga, Verga-lhe o corpo e a bocca se lhe enverga Nas contorsões de uma risada alvar.

DIAS DA ROCHA FILHO.

O Louco

Pela vereda sombria
 Vagaroso a caminhar,
 Nessa tristonha e demente,
 Sem ter um raio a brilhar !

Ia dizendo consigo
 «Mas sem destino, a pensar !
 «E nunca te foi perjuro !
 «Eternamente te amar.

Virgem porque me fizeste
 «Estrago no coração ? !
 «A lucta horrivel me aterra
 Minh'alma no turbilhão !

Neste tristonho recinto
 «A lucidez me fugir,
 «E a treva horrivel preveja
 «Todo o horror do meu porvir.

«Com fundas dores convivo
 «Qual condemnado a gemer
 «Sem calma vivo penando
 «Vegetando, sem viver !

«Oh ! Deus, minh'alma te adora,
 «Supplico-te com fervor :
 «Dize se a bella innocente
 «Por mim no seu peito amor !

«Pois seu labio não me fala !
 «Su'alma de junto a mim
 «Quando a interrogo, e presinto
 O seu desprezo por fim.

Sempre contigo luctando
 «Meu desventurado amor !
 «A virgem cruel, maldicta,
 «Esta sentença de horror.

«Socego nenhum consigo
 «N'este medonho luctar !
 «Minh'alma a viver deplora !
 «Só quero a morte encontrar.

«N'este viver malfadado
 «Tendo a ti todo o meu ser ;
 «Agora no desalento
 «Tem sido o horrivel morrer.

«Hoje o viver ja me aterra
 «Minh'alma triste a vagar !
 «Morte a seguir-te consinto
 «Sem pena que vaes chegar.

«Já nada mais me convida
 vida

«Que deixo, adeus, vou partir !
 «De ti sem pezar me aparto,
 «Adeus, deixo de existir.

«Não me maldigas donzella
 «Minha lembrança fatal
 «Já que presar não soubeste
 «Amor sublime, ideal ! »

E a seguir no desatino,
 Já não tem para pensar
 O peito em magoas desfeito,
 Um louco, ri-se a chorar.

Mundo, deixal-o seguindo
 Pelo Calvario da dôr
 Não zombem, foi-se o risonho
 Do pobre—louco de amor.

Allivio á dôr não consegue !
 N'um desespero de horror,
 Ninguem na atroz zombaria
 Orem por elle ao Senhor !....

HERMINIA (FRANCISCA DO SOUTO).

Utopias

Depois de uma reticencia mais ou menos prolongada, onde o meu espirito nubivagou pelo meio mundo dos livros e jornaes, — novamente aqui venho, replecto daquelle bom humor de outr'ora.

Hoje nada direi, limitando-me tão somente á mimosear es meus leitores com uma bella joia litteraria intitulado — AS FRUCTAS, — e, pelo n. 5 d'O BURIL, (revista artistica de Porto Alegre), extrahida do livro FACETAS, de Vianna de Carvalho.

Vianna de Carvalho, até hontem um desconhecido para mim, me é hoje uma sympathica personalidade e um talento promettedor.

Detesto, solememente, as ostentações pomposas do sentimentalismo piégas, como deploro a logica fôfa dos litteratos de sobre-mesa.

O que se vai ler, porem, é uma perfeita anthithese á isso tudo ; é um conto de fino quilate, tão bello na forma quão esplendido no fundo.

Que, por elle, perpasse o

olhar coruscante das mulheres bellas ; que, por elle, adeje, leve mente, o sorriso gentil das virgens formosas, é o que eu desejo como o mais esplendido e sincero elogio que pode receber Vianna de Carvalho.

“ AS FRUCTAS

Esquecêra de baixar a verde persiana. Pela janellita aberta para o campo, entrava em haustos o cheiro acre dos cajueiros em flor.

O dia quente fulgurava.

Edith deixou escorregar sobre o felpudo tapete a cambraia do vestido, desfez o pentecado e só com a leve camizeta estendeu-se no leito, languorosamente.

Defronte, um grande espelho reflectia aquella rosada carnção que transparecia como através de uma gase....

Por instantes, seus olhos lucidos namoravam a propria forma ; depois as petalas das palpebras foram cahindo, cahindo preguiçosamente....

Dormindo, quasi sorria.

Talvez algum sonho de amor lhe afluava a bocca.

Mas, como estremeceesse em frémitos lascivos, os dois bicos dos seios apontaram fóra da renda.

Eram de um vermelho tirante á rosas machucadas, hirtas, na lubrica affouteza da virgindade sequiosa.

Ave indiscreta, penetrou na alcova, espanejando ás azas.

De repente Edith, dando um grito de susto, despertou tremendo.

A ave beliscára-lhe os mamillos rubros, julgando ser duas fructinhas maduras. ”

LOGUSTA.

Elza

Caminhas lésta, garbosa,
 Cheia d'encantos, sereia !
 E teos pesinhos de rosa
 Gravam sonetos n'arcia.

Morre a tarde loura, cheia
 D'uma unção religiosa,

E pelas sombras campeia
Uma canção sonora.

E vou teo rastro seguindo;
Subtis perfumes haurindo
Do teo corpinho de flôr.

Em quanto a noite, descendo,
Vem tão feliz te envolvendo,
N'um longo-beijo d'amor.

THIAGO FRAXOTO.

Cavaco semanal

Já me disse alguém, em tempo, que a frequente e repetida mudança de firma de uma casa commercial não tem significação lisongeira: tal phenomeno é symptoma de decadencia.

Incompetente para ventilar essa questão ou para oppôr-lhe a mais fragil objecção, accetto esse asserto, attendendo a autoridade de quem o expendeu.

Mas, que foi que me suggerio essa idéa? Vinde commigo.

Estava eu sentado, hontem á tarde, em casa, repousando os membros fatigados pelo labor do dia. Eis senão quando surde-me o vulto elegantemente lurido do popular Turibio, nos labios rubros um sorriso amavel, ostentando brancas perolas em contraste feliz com a côr de sua cutis velutea...

«— Offereço-lhe, seu Angelo, um Relatorio. Não se espante com a linguagem por vezes dura e azeda, de que usei. A razão é o diabo; quando nos assiste, levamos a coisas...» — disse polidamente o Turibio, passando-me uma cousa em forma de jornal. Era o Relatorio que o opaco Poder Iniciador (com certeza é o fundador) do Club Modelo apresentára a 1º de Outubro actual ao Poder Social.

(Entre parenthesis: achava melhor que o Turibio dêsse ao primeiro poder o nome de — Poder inchoativo, e ao segundo o de — Poder frequentativo; porque em todo o caso mostraria, quando mais não fosse, que sabe fallar em estylo grammatical.)

Prosigamos, porem. Levado pela curiosidade, em mim nativa, de ler tudo que me cõe sob os

olhos, em *lettera de fôrma*, — comeei de correr a vista pelo turibico relatorio que, para mim, revelou a possante mentalidade do cardeno presidente do «Modelo».

Ninguem me contesta que aquillo está escripto com elegancia e muita grammatica e, mais do que isso, com discernimento pouco vulgar....

Já hontem ouvi acoimarem essa peça de myxtiforio e de algemia desconnexa. Injusta e de-sarrazoada inquinação!... Leiam bem: aquillo é cousa que dá de si bom succo.

Mas... lendo a peça relatoria do Turibio, estaquei, logo de principio, no periodo que aqui transcrevo com todas as virgulas: — «A Instituição, já havia possuido varias denominações, como de: Sport-Club, Sport-Club-Paraná, tendo na data da supracitado reunião, a denominação de Sport-Club-Brazileiro, tudo por conveniencia...» Tudo por conveniencia... E logo abaixo li isto: — «A 1º de Outubro de 96, depois de conhecida ainda a necessidade de substituir o titulo Sport-Club-Brazileiro pelo de Frontão-Turibio, isso aconteceu...»

Cruz, diabo! oito ou dez nomes... oh! que polyonimo club! —pensei eu. Que não vá succeder ao «Modelo» o que acontece com as casas commerciaes de que fallei acima.

E sabem o que anhele para essa util instituição, que infelizmente tem andado até aqui «cõe não cõe», ao sabor das vagas da... perplexidade?

Desejo que Progne — a azul andorinha casta — traga-lhe no bico uma eterna primavera de flores e loureiros; e desejo que o Turibio perca um pouco de sua fertilidade em engendrar titulos e.... Basta!

ANGELO DUARTE.



Numero das "Scintillas"

(FELINTO DE ALMEIDA)

Bate uma hora o relógio da parede;
Uma nota vibrante e crystalina.
Meio a dormir balança-se na rede,
Quasi despida, a loira Catharina.

Os olhos cerra, arfa-lhe o seio alvente,
Sae-lhe dos labios um respiro brando,
E lenta, pouco a pouco, mansamente,
A rede vae parando, vae parando.

E ella murmura em voz tremula e doce:
— Se elle viesse! Já bateu uma hora...
Se o visse aqui, momentos que isso fosse...
Que amor! que ardor! Se elle viesse agora!

Nisto o marido entra no quarto e a chama
Docemente, beijando-lhe as madeixas;
E ella, agastada e lagrimosa, exclama:
— Nem um momento repousar me deixas!

Club Ponta Grossense

Esta fidalga sociedade do interior do Estado, teve a delicadeza de nos enviar um convite para assistirmos aos festejos que se realizarão nos dias 14 e 15 do corrente, em commemoração ao 1º anniversario de sua installação.

Summamente gratos pela prova de distincção que nos foi dispensada, na pessoa do distincto moço Fernando Bittencourt, nos faremos representar em tão pomposa festa.

Flores, muitas flores, espalhamos no caminho da digna Associação que vai assignalar o seo primeiro anno de existencia.

Prosperidades.

Folhinhas

Do, RÊ, MÍ.

Ella disse n'um tom doce e macio:
— Sabes? tenho um desejo... mas não rias.
Não sei se isto é loucura ou desvario...
Mas eu quizera pelas noites frias
No espaço azul subir... ser um foguete—
E agitou brandamente o niveo leque.
— E eu, responde lésto o brageirete,
Quizera ser moleque... —
— Moleque? para que? oh! que diabo! —
— P'ra pegar o foguete pelo rabo!

Entre uma prima casada e o primo:

Elle — Sou todo teu !...

Ella — E eu... sou toda tua!...

Marido (entrando) — E eu o que sou ?

Ella (atapalhando-se) — Você... é nosso.

**

«Uma pessoa do nosso conhecimento traduzio, ha poucos dias, d'uma revista ingleza uma noticia descriptiva dos costumes da China. Era a hora do chá e a familia estava a escutal-a interessada tanto pela extravagancia d'esses costumes quanto pelo calor da narrativa.

Havia uma parte em que o viajante contava minuciosamente a etiqueta entre dous amigos que se encontram e teem de, por cortezia, informar-se da saude das respectivas familias.

E' de dever de educação o interrogante usar dos mais generosos qualificativos para a pessoa por quem mostra se interessar, como é dever do respondente demerrecer completamente a pessoa de quem se trata, sendo esta membro da sua familia.

Assim pergunta-se: « Como passa a muito honesta, a linda, a piedosa e delicada Sra. sua esposa? — Responde o outro: « A feia, a estúpida, a perversa e impura minha esposa continúa a arrastar a sua torpe existencia sem novidade.»

Em meio da leitura a sogra d'esse nosso conhecido, interrompeu-o:

« Chi! que não dirão elles das sogras? » O nosso conhecido atalhou logo: « Cá está o que dizem».

— E como só elle, em casa, entende o inglez. fingiu ler na revista: « Quando um chim pergunta a outro pela sogra, o que é raro porque na China, a sogra é o mais desprezível dos entes, o interrogante responde: — « O surrão furado, a gata lazzarenta e immunda, o póte quebrado, o sapato sem sola, o pão duro e ruido que os genios do mal me déram como mãe da lambisgoia

minha mulher, está pedindo uma duzia de ponta-pés no canastro, que a leve, mais depressa ao fogo eterno que está no fundo da Terra».

E todos acreditaram. A sogra do nosso conhecido ficou attonita de indignação contra tão barbaro povo e o nosso conhecido, a deglutir a sua torrada, com delicia:

— Todavia, minha senhora, a China é um paiz encantador, com a sua original civilização, a sua grandeza territorial e a sua excelente comprehensão da verdade!

**

DO POEMA DO IDEAL

(Fernandes Costa)

Peito arfando, bipartido;
Duas ondas buliçosas;
Um decote suggestivo
De infindas visões teimosas!

Goso e tormento!
Prisões dos olhos,
D pensamento!

**

— Então D. Leocadia, suas filhas já casaram?

— Por ora só casou a mais nova, a outra ainda está solteira.

— Como tudo anda as avessas! no nosso tempo era ao contrario, casavam primeiro as mais velhas.

— E já tem filhos?

— A casada, ainda não senhora, a solteira, porem, tem quatro.

— Ainda mais me convense, D. Leocadia. Tudo agora anda de pernas para o ar.

— E' por isso mesmo, D. Antonica.

TABLEAU!

**

Eis a estréa d'um novo poeta:

CONFISSÃO

A' Ti

Queres que eu te diga
Queres ouvir em vão,
O que sente e o que almeja
O meu triste coração?

Queres que eu te confesse
Oh! linda e mimosa flôr,

O quanto sente meu peito
Por me negares amor.

Si por acaso, querida,
Advinhasse o quanto
Sofro e sinto por te ver
Immersa em ondas de pranto.

RANIEL CARNASCIALI.



Visitas

A «Estrella» — N. 32, anno I desta illustre collega da Capital, que tem a sua frente o distincto Engenheiro Constante Coelho.

Orgam Catholico, Scientifico, Litterario e Noticioso, teem seguido a risca o seo programma.

A sua impressão é mais um attestado de recommendação para as acreditadissimas officinas da «Impressora Paranaense», donde sahe.

O «Ideal» — Primeiro n. deste pequeno jornal tambem da Capital, orgam dos alumnos do Gymnasio Paranaense.

O «Bogari». — S. Paulo.

O «Pyrilampo». — S. Carlos.

A «Coisa». — A impagavel «Coisa» da Bahia!

Picante, ardida, como a pimenta, que tanta extracção tem n'aquellas plagas. A «Coisa» custou, mas appareceu!

Que a «Coisa» nunca falte ao «Sapo»...

Gratos retribuimos.



TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA ECONOMIGA